



Alunos da escolinha Futsal Sub-9 fazem exercícios de alongamento e de aquecimento para se habilitarem no bom trato da bola



*De pé: Pedro Félix, Lucas, João Ibraim, Diogo, Eduardo Sales, João Otávio, Guilherme.
Agachados: Augusto, Pedro Moura, Eduardo Guimarães, Alan, João Lima*





FUTSAL SUB-9

Tirar os olhos do objeto de prazer faz parte da ludicidade

Uma dúzia de guris entre 6 e 8 anos alonga seus corpos em várias posições geométricas, contando alto de um a quinze. Atravessam a quadra rolando uma bola com o pé esquerdo e quicando bola de tênis com a mão direita, “sempre olhando para frente!”, alerta o professor. A pirralhada, desajeitada, tenta coordenar membros superiores e inferiores no controle dos dois objetos de prazer. Divididos em duplas, cada um com uma bola no pé tenta driblar o outro. A cada 15 minutos, correria para beber água. Voltam desabalados: atiram-se ao chão deslizando sentados para junto do professor.

“Vario exercícios que principiam pelo alongamento, passam pelo aquecimento mediante brincadeiras, e vão ao desenvolvimento da aprendizagem dos

fundamentos do futsal. Cada dia é uma coisa. As atividades levam em conta os estágios das crianças quanto a coordenação, agilidade, reflexo e lateralidade, entre outros aspectos. Numa manhã eles dinamizam o mover, passar e receber a bola, outra manhã o driblar e chutar a gol, e noutro dia fazem um jogo coletivo para aplicar as técnicas. É tudo lúdico, com divertimento e interação”, diz o licenciado em educação física Marco Aurélio de Paula, 28, que começou na equipe infantil de futebol de campo do Athletic aos 10 anos e foi campeão em todas as categorias da modalidade e do futsal (campeonatos de base, Amador, Torneio de Inverno, outros).

Marco Aurélio compartilha sua experiência, no momento, com 140 alunos de 4 a 13 anos –



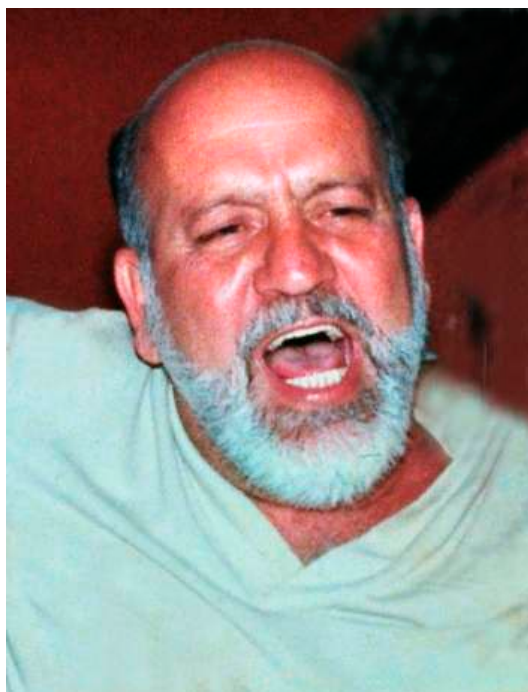
divididos em oito turmas por faixa etária com duas aulas semanais pela manhã ou tarde – para estimulá-los a usufruir da alegria de jogar desenvolvendo habilidades. Os risos de três meninos da turma Sub-9 (8 e 9 anos) e sorrisos de dois acompanhantes foram registrados pelo repórter em duas manhãs na quadra. Que sentimentos expressam?



Quando o triscar dos tênis confunde-se com os pios dos cabeças-de-fogo

Na manhã de pancada passageira de chuva após dias de estiagem, a quadra vira uma pequena babel: o rumor das gotas na cobertura e da garotada saracoteando em torno da bola soma-se ao triscar dos tênis no piso e aos pios dos passarinhos tomando banho de chuva na cobertura. Os dois últimos, às vezes, difícil de distinguir. "São sanhaços e canários-da-terra (cabeça-de-fogo)", informa Josino Félix Ribeiro, 72, que traz o neto temporão Pedro Félix, 8 anos, 3º ano do ensino fundamental e recém ingresso na escolinha de futsal do Athletic.

"Ele fica ansioso pelas manhãs de quarta e sexta. Não é de acordar cedo, mas levanta rápido nos dias de treino. Joga na posição de ataque", diz o contador Josino, que aos 8-9 anos começou a frequentar a piscina alvinegra, por ser um dos melhores alunos do então Grupo Escolar Dona Maria Teresa. "A escola e o Athletic



tinham convênio com esse fim. Lembro-me que quem fez meu exame para frequentar a piscina foi o doutor Orestes Braga, hoje nome de laboratório de análises clínicas. Em 1959 entrei na equipe juvenil de futebol de campo. Em 1962, com 19 anos, tornei-me diretor Juvenil. Já contador, fui tesoureiro do Athletic no fim dos anos 60, diretor de futebol amador em 1970, e nas décadas de 1990 e 2000 integrei o Conselho Deliberativo por 15 anos, seis como secretário. Também me

dediquei à sauna, que ficava onde hoje é a lanchonete. Um grupo de 18 amigos inventou que um aniversariava a cada semana, e o 'aniversariante' tinha de trazer salgados. Ficávamos até 23h30, 24h".

O neto na quadra desperta mais memórias em Josino: "Athletic e Minas era como Atlético e Cruzeiro. O Athletic chegou a ter time profissional entre 1968-70. Empresas locais, propagandas e abnegados do clube contribuía para manter os salários dos jogadores: três mínimos para os que vinham dos times cariocas Bonsucesso e Madureira, e dois para os daqui. Isso fora o que pediam: geladeira, fogão, conjunto de fôrmica... Na época o estádio tinha 250 cadeiras cativas. A minha era a 243". E encerra: "Dei aos meus dois filhos e uma filha títulos de sócio proprietário. É um prazer ver o neto mais novo usufruir do clube a que sempre dediquei trabalho e gestão".





Volta, sorte grande!

A babá Gisele Bárbara, 24, confere pelo smartphone, na arquibancada, o resultado lotérico da quina, depois dos irmãos Pedro e João Campanati Escalero, 6 e 7 anos, terem trocado a sunga e o pé-de-pato da escolinha de natação pelo short e tênis da escolinha de futsal. "Quando o prêmio está alto, dou uma arriscadinha. Ando sem sorte para aliviar minhas contas".

Mas já foi assediada por alguma fortuna há seis anos. "Acertei cinco números na mega-sena em 2009. Foi a primeira vez que joguei, boba de saber que um são-joanense tinha ganhado muito dinheiro, poucos dias antes, com uma merreca de R\$ 1,25. Ganhei R\$ 24 mil, e utilizei quase tudo ajudando em casa. Dinheiro não traz felicidade, mas alivia as contas!". E auxilia no

amor? "Amor por interesse é negócio. Amor verdadeiro não precisa de conta bancária", diz a flamenguista no momento sem namorado. Ela acompanha João e Pedro às escolinhas de natação e futsal há 2 anos e 4 meses. O primogênito Lucas, 10 anos, frequenta a turma Sub-11 da escolinha de futsal terças e quintas à tarde, levado pela mãe.

Histórias de um trio, do Sub-5 ao Sub-9

Quando João Otávio Campanha Viegas completar 8 anos no próximo dia 17, o trio formado por ele, Eduardo de Paula Sales e Diogo Viegas Souza acrescentará a mesma idade às coisas que já têm em comum:

entraram juntos aos 4 anos na escolinha de futsal Sub-5 que, à época, afirmam, não tinha nenhum aluno; são vizinhos, se tomada como referência a avenida Oito de Dezembro; têm pais sócios athleticanos que trabalham em instituições de ensino

superior; dois estudam na mesma sala e prezam o xadrez; dois frequentaram escolinha de natação juntos. Mas voltam a ser uníssonos: "queremos ser jogadores de futebol", dizem goleiro, atacante e zagueiro. Confira o que fazem.





Goleiro, zagueiro, atacante: meio time de futsal!

Eduardo Sales – “Aos 4 anos eu só corria atrás da bola. Hoje tenho posição, sou atacante. Além do Athletic, jogo na casa de amigos e noutros clubes. Torço pelo Cruzeiro, e não falto quase nenhuma quarta e sexta-feira à escolinha. Meus pais me levam, junto com o João Otávio, que é meu vizinho, com quem fiz dois anos de escolinha de natação. Estudo na mesma escola que o Diogo, onde jogamos xadrez. Meu pai, Jucélio Sales, trabalha na UFSJ. Minha irmã Mel, de 6 anos – o repórter pergunta se ela é doce e suave, como anuncia o nome –, às vezes me aborrece!!!”.

Diogo – “Tiro bem na zaga e faço gol”, afirma-se polivalente o que veste camisa com escudos do Cruzeiro e do Barcelona. “Na escola e em casa gosto de jogar queimada. Em casa, em vez de bola, uso o dadinho de pelúcia que era da minha irmã Olívia quando bebê, para driblar. Diogo é filho de Cláudio Teixeira de Souza, também da UFSJ.

João Otávio – Prestes a ingressar nos 8 anos, o torcedor do Atlético Mineiro relembra seu ingresso na escolinha de futsal aos 5: “eu era o pior da turma, depois passei muitos. Gostava de ficar no gol para não

me cansar tanto. Tornei-me goleiro. Mas quando necessário, corro igual aos outros. Nos treinos, todos ficam cinco minutos no gol. Também fiz um ano de escolinha de jiu-jítsu, mas saí por falta de tempo para as tarefas escolares. Gosto dos jogos de montar e de encaixar LEGO”. O repórter indaga: 'E você encaixa bem a bola chutada pelos adversários?'. A escolinha começa, e o filho do advogado Ricardo Assunção Viegas (Iptan) e irmão de Ana Júlia, 9, e Sofia, 4, arranca, rindo, para a aventura – experimentação e criação – com a bola.



AGOSTINHO
Conceito A em economia



FUTEBOL DE CAMPO SUB-13



João Campos (organizador da Copa União), Gabriel, João Pedro, Anderson, João Guilherme, Cleyton, Bernardo Machado, Bernardo Lacerda, Luquinha, Leonardo, Lucas e Juninho.



Equipe Sub-13 do Athletic (de camisas brancas, no centro) em meio aos idosos do Asilo de Barroso, beneficiados com as doações dos 180 jogadores de categorias de base inscritos na Copa União, dia 26 de setembro, em Barroso



Formar, mais que boleiros, gente solidária

A equipe de futebol de campo Sub-13 do Athletic foi a Barroso, no último sábado de setembro, não somente para jogar futebol. A Copa União uniu quatro equipes de seis categorias de três cidades em torno de uma ação de cunho social: arrecadar alimentos para o Asilo de Barroso, que se encontra em dificuldades. A participação possibilitou aos athleticanos de 12 e 13 anos, além de formação atlética, formação pessoal cidadã: por que há idosos pobres e desamparados? Por que, quando abrigados do abandono, ainda correm risco de manutenção, por insuficiência de renda da instituição? Por que certas coisas são assim?

O evento beneficente

resultou em 189 litros de leite e de óleo de cozinha para o Lar Nossa Senhora de Fátima, decorrentes da doação – inscrição – dos atletas no torneio. Para João Campos, organizador do evento e treinador do Bandeirantes, time barrosense que se sagrou campeão nas categorias Sub-10, Sub-11, Sub-12 e Sub-14, “o esporte é um caminho que pode levar as pessoas a terem outras iniciativas: nesse caso, a solidariedade a entidade em sérias dificuldades. O público e jogadores abraçaram a causa”. A equipe do Ceclans (Centro de Esporte, Cultura e Lazer 'Artidônio Napoleão de Souza'), também de Barroso, venceu na categoria Sub-15. O Dorense Clube, de Dores

de Campos, não conquistou troféu.

Tiago Nascimento – 'Tiaguinho' –, técnico da equipe Sub-13 athleticana que trouxe o troféu da categoria, considera que a Copa União “foi uma oportunidade ímpar para nossos atletas de categorias de base se formar não só em campo, mas como pessoas. Além de ajudarem necessitados com alimentos, puderam tirar uma lição de vida: às vezes reclamamos da vida que temos, mas quando nos deparamos com uma situação como a que pudemos vivenciar no evento, trata-se agora de refletir socialmente, em termos de direitos sociais, de cidadania, e não só em termos individuais ou de caridade”.





ESCOLINHA DE VÔLEI SUB-11



*Em pé:
Isabela, Luísa,
Marcela,
Beatriz,
Victoria,
Laura.
Agachadas:
....., Lícia,
Gabriela Reis,
Isabella
Marques,
Gabriela Assis*

Em recente tarde que meninas de 10 e 11 anos movimentavam-se em saques, toques, lances e jogadas para fazer a bola sobrevoar a rede divisória da quadra e tocar o chão do lado adversário, evitando que o lado oposto fizesse o mesmo, o Informativo Athletic ouviu uma delas sobre seu gosto pela modalidade e pela vida.



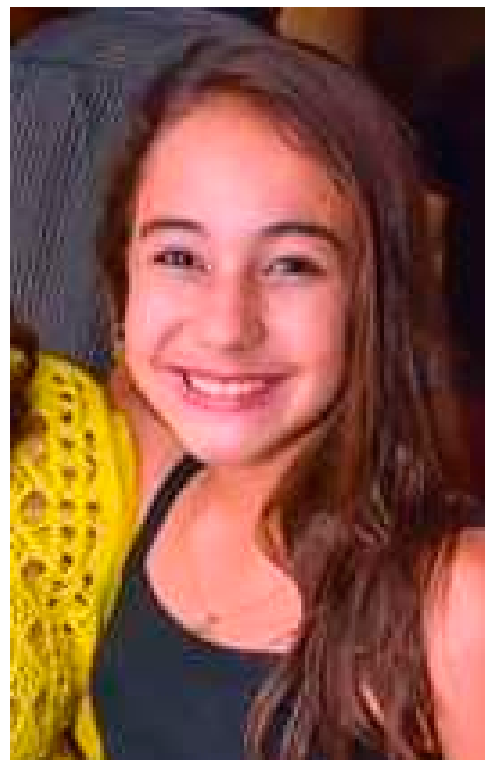
AGOSTINHO
Conceito A em economia



Uma leoa que faz 'peixinho' e dá 'manchete', diferente dessa

Maria Clara Leão Santos – Chega aos 12 anos em dezembro, quando completa também um ano de escolinha de vôlei. Diz que se habituou ao sobrenome Leão desde os 7 anos, para se diferenciar de uma colega de turma do mesmo nome, o que ocorre também no vôlei. “Sou boa na defesa, no ataque e no saque”, comenta ao saber que uma das características dos felídeos (leões, tigres, onças e gatos) é o esqueleto apropriado ao pulo. “Nunca me falaram que sou uma leoa na defesa, que é a minha posição”. Acha que tem de treinar mais para saltar de bruços, na horizontal, para caçar a presa – a bola – impedindo-a de tocar o chão e evitar que o adversário marque pontos. “Isso de lançar-se ao chão para evitar que a bola caia chama-se 'mergulho' e 'peixinho' no vôlei”, informa a senhorita Leão, que fez escolinha de

natação aos 8-9 anos por gostar “muito de água”. E cita mais dois lances que eventualmente contrariam seu nome Clara e o sobrenome Leão. “A 'manchete' – recepção e defesa com os antebraços de saques e bolas cortadas – deixa-os avermelhados, por pouco tempo. E se o leão é bom de pulo, não sou tanto: já torci o pé, uma vez na cama elástica. Mas a recuperação é mais uma questão de repouso”. A filha única, sexto ano escolar, preza história, geografia e ciências. “História me permite conhecer coisas, trajes e lendas antigas. Geografia, a formação do mundo. Ciências, o corpo humano. Penso em fazer medicina para crianças. Também estou no quinto ano de catecismo, com uma aula semanal. Tenho amigas evangélicas. Música é essencial para mim, pois me



distraí, relaxa. Jogo baralho e dama com meu pai, que já nadou muito comigo, mas está com problema de coluna”. Clara Leão, que ano que vem entra na escolinha da faixa etária Sub-13 e se julga 'espoleta' desde pequena, diz que se vier um convite para treinar na equipe competitiva, aceitará o “frio na barriga” anterior às disputas.



Athletic Club



www.athleticclub.com.br

Nº 24/15 89 J

89ª EDIÇÃO

Informativo

08 de outubro de 2015

Vem aí!!!

Réveillon

2016

BANDAMIX
Banda Show

31 Dezembro de 2015 - 22h
Athletic Club - Centro

Informações:
(32) 3371-7400

RESERVAS DE MESA
NA SECRETARIA NA
PRAÇA DE ESPORTES
32 3371.7400

Escolinha de Esportes

VOLEI | NATACAO | FUTSAL | BASQUETE | FUTEBOL

PROFESSORES ESPECIALIZADOS

Coloque mais esporte na vida da sua filha

MATRÍCULAS ABERTAS
Informações: 32 3371-7400 ou 8893-4743 das 9 às 18 horas



CAMPEÃO DA COPA SUL MINEIRA MIRIM 2013

Coordenação dos professores:
Tiaguinho e Alexandre Luciano (Elói)

Nova Escolinha de Futebol

SEJA BEM VINDO!

MATRÍCULAS ABERTAS
Informações: 32 3371-7400 ou 8893-4743 das 9 às 18 horas



INFORMATIVO DO ATHLETIC CLUB
DIRETORIA DE MARKETING
Redator: Edson Paz
Jornalista resp. Dermeval Filho
Diretor: João Ramalho Neto